



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

*Na manhã da Quinta-feira Santa:
Divina Liturgia em comemoração à
Instituição da Eucaristia*

«Na tua ceia mística, recebe-me hoje, ó Filho de Deus; pois eu não desvendarei o mistério aos teus inimigos; nem darei um beijo como Judas; mas como o ladrão eu te confesso: lembra-te de mim, Senhor, quando vier o teu Reino».

A Igreja comemora hoje a instituição da Eucaristia. Embora a hinografia da noite ainda se refira à traição de Judas, todo o ofício decanta no sacrifício do *Logos* que, na Última Ceia, será prefigurado, antecipado de forma incruenta e sacramentalizado para logo ser realizado de forma cruenta na cruz.

Na «ceia secreta» - *μυστικό δείπνο* -, que muitos consideram um evento de iniciação dos apóstolos, o *Logos* procede não apenas a predizer o que está por vir, como em muitas outras ocasiões, como também **atualiza** - do futuro para o então presente - o sacrifício em si e, desta forma, converte-o em *um «mistério-sacramento»*. Trata-se de uma **transmutação mistérica** que só Deus pode realizar e que, evidentemente, transcende a dimensão lógica do homem, bem como os parâmetros e coordenadas espaço-temporal aos que o homem está (mal)acostumado: Jesus antecipa os fatos e *os realiza* naquela noite, mas desde outra dimensão.

O mandamento «*fazei isso em memória de mim*» é a garantia de continuidade que já foi realizada - cristalizada - na instituição - na consumação - do mistério de forma incruenta, mesmo antes do cumprimento do sacrifício em si: seria como uma **prefiguração inversa**. A verdade é que os apóstolos, já iniciados e capacitados pelo Paráclito, revelado e anunciado naquela noite, devem respeitar este mandamento e continuar a se reunir para fazer essa «**comemoração**» - este memorial - que faz referência - **anáfora** - a toda a obra redentora do Messias-Cristo.

É que o mandamento da «comemoração» só pode ser feito em **comunidade**, uma vez que, de acordo com a iniciação-purificação daquela noite, aponta diretamente para a realização da «**comunhão**» mútua entre os iniciados, e destes com toda a criação e, claro, com o próprio Criador feito homem. O outro mandamento - o principal - que se une ao presente é que «*se amem uns aos outros, assim como eu vos amei*»: por isto serão reconhecidos como os seguidores do

Cristo-Messias, porque realizam em si mesmos não qualquer amor, mas aquele crístico, aquele que é dado até a morte. É por isso que estes encontros foram também chamados de «**ágape**», com a mais profunda referência à essência desta comunhão que se opera paradoxalmente do mistério ao contingente, ambas dimensões diversas da mesma realidade permeada pela ação infinita e incriada de Deus. É que o amor crístico germina primeiramente em uma dimensão mistérico-sacramental que necessariamente **estende** e **aprofunda** a contingência para mais além de seus limites naturais.

Este amor – e não qualquer amor – é uma força única, unitiva, transcendente, criativa, terapêutica, purificadora, aperfeiçoadora, que resume em si toda aspiração humana à plenitude, redimensiona-a e projeta-a incessantemente em todas as direções «*para todos e segundo tudo*».

Este memorial também foi chamado de »**Eucaristia**«, ou seja, a ação de graças contínua – sempre mistérica e sacramental – que a comunidade como um todo expressa ao Criador por todos os bens que recebeu e que receberá nesse contexto de «comunhão» – «**comum união**» – que constitui o ambiente natural dos discípulos do Cristo-Messias. Mas a comunhão - nota constitutiva do corpo místico de Cristo, a Igreja - não se refere apenas à congregação dos confrades, mas tem um significado absolutamente mais amplo e inclusivo: **comunhão** é a *relação intrínseca* que, após o sacrifício erótico e redentor, se revela natural entre o Criador-Redentor e suas criaturas, e entre todos os entes criados, cuja única e última referência -anáfora- é o Princípio Criador, Sustentador e Aperfeiçoador. É por isso que a eficácia do sacrifício uno e único – embora mistérico e cruento – é de alcance universal.

Assim, na Divina Liturgia ortodoxa, o memorial da Última Ceia tem dimensões, repercussão e significação universal, global, total. Não em vão intuimos - com tremenda certeza, é claro - que neste *pedaço de contingência* o céu e a terra se unem, seres terrenos e celestiais em um espaço-tempo que se dilatou em virtude da sacralidade - da energia incriada e infinita- que torna possível - como então fez o Cristo-Messias - que a eventualidade adquira uma dinâmica aberta ao infinito -matizes de eternidade- e que esta, por sua vez, é revelada com traços de contingência.

Quando «**comemoramos**» e realizamos de acordo com nossa receptividade o sacrifício incruento, então toda a realidade – nossa contingência – vem a ser ampliada e, claro, isso não se realiza senão em virtude da «**unidade**» primigênia que vem atualizada enquanto vem atualizado o «**sacrifício crístico**» que opera como último *catalisador existencial* de toda a criação.

O «memorial» é a chave para a interpretação daquele «Reino» que então se aproximava e se realizou plenamente em todos os eventos salvíficos realizados pelo Cristo-Messias por iniciativa do Pai e pela operação incriada do Espírito. Por causa do sacrifício-mistério – sempre pascal, é claro: «*tudo se tornou luz, os céus, a terra e o subterrâneo*». É que Cristo fez todas as coisas novas, resumiu tudo nele e se fez tudo para todos: mistério de amor; mistério de condescendência; mistério de unidade e de uma entranhável e infinita filantropia que proclamamos, enquanto agradecemos e comemoramos - assim como os apóstolos - seguindo o mandato do Senhor.

Καλή Ανάσταση!